



HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E EDUCAÇÃO: USO DAS HQS DE ASTERIX NO ENSINO DE HISTÓRIA ANTIGA

Allef de Lima Laurindo Fraemann Matos

Resumo

O ensino de História, bem como as demais matérias, possui suas barreiras e é extremamente importante que o docente, diante do exercício de sua função, reflita sobre a maneira com que utiliza para ensinar seus alunos e esteja atento às múltiplas ferramentas que estão à disposição para proporcionar uma melhor experiência de ensino-aprendizagem no âmbito escolar. Enquanto historiadores, estamos sempre em contato com a análise de diversos tipos de documentos que servem como fonte de informação de fatos históricos. É interessante levar aos discentes tais materiais para serem explorados a fim de extrair informações e coletar dados a respeito do conteúdo programático da aula em questão. Diante da proposição de que uma História em Quadrinho também é um texto fonte de informações históricas, uma vez que a mesma já foi utilizada para diversos fins ao longo dos séculos, esse trabalho pretende desenhar a possibilidade de utilização das HQs como um recurso de ensino de História. Desde seu surgimento até a sua utilização nas práticas pedagógicas, sob a luz de autores como Waldomiro Vergueiro, Fabio Paiva e Túlio M. Vilela, será demonstrado como as Histórias em Quadrinhos de Asterix podem ser utilizadas em favor da aprendizagem no ensino de História Antiga.

Palavras-chave: História Antiga; Asterix; Histórias em Quadrinhos.

INTRODUÇÃO

O ensino de História Antiga possui suas barreiras e é extremamente importante que o docente diante do exercício de sua função, reflita sobre as maneiras para ensinar seus alunos e esteja atento às múltiplas ferramentas que estão à disposição para proporcionar uma melhor experiência de ensino-aprendizagem no âmbito escolar. De acordo com Guarinello “o aprendizado da História Antiga, feito nos moldes tradicionais, como História de nações vista em sucessão, atuava como um contexto para contemplação e compreensão dos textos ‘clássicos’ escritos em latim e grego.” (GUARINELLO, N. L, 2013) Entre os principais problemas encontrados nos livros didáticos destacam-se: as simplificações de conteúdo; as generalizações dos povos, representado como pertencentes aos mesmos grupos sócias; anacronismo e desatualizações dos materiais didáticos. Assim, como afirmam Silva e Gonçalves, podemos encontrar duas tendências nos livros.

5^{as} JORNADAS INTERNACIONAIS DE
**HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS**
22 a 24 de agosto de 2018
Escola de Comunicações e Artes da USP

[...]. Ou se tenta abranger de forma panorâmica todas as civilizações antigas orientais e ocidentais ou buscando aproximar o mundo contemporâneo do passado, remete-se o aproximar o aluno a uma procura das origens de certas instituições atuais ressaltando – se o valor das civilizações grega e romana principalmente (SILVA, G. V; GONÇALVES, A.T. M, 2001).

Em virtude dessa deficiência, é necessária a aplicação de fontes históricas na sala de aula com objetivo de suprir as defasagens dos livros didáticos. Sem dúvida o livro didático é necessário; contudo ele não é e nem pode ser o único recurso disponível. Através da análise dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) para o ensino de História, percebemos que PCN da disciplina permite utilização das diversas fontes e recursos tecnológicos para a construção do conhecimento histórico. Nessa perspectiva Funari propõem alterações nas estratégias em sala de aula, e que sejam incrementados novos recursos que buscam incentivar os aspectos lúdicos das atividades intelectuais. Desta maneira compreendemos que as Histórias em Quadrinhos como um documento que serve como fonte de informação dos fatos históricos, e interessante levar aos discentes tais materiais para serem explorados a fim de extrair informações e coletar dados a respeito do conteúdo da aula em questão. Circe Bittencourt discute que os métodos de ensino têm que se articular com novos recursos, pois “as transformações tecnológicas tem afetados todas as formas de comunicação e introduzindo novas referências para produção do conhecimento.” (BITTENCOURT, 2008, p, 107).

Compreendendo que as Histórias em Quadrinhos de Asterix são fontes históricas inseridas na atualidade e podem ser usadas para estudar e analisar o ensino de História Antiga. “Cada tira da revista traz ricas informações sobre diversos eventos históricos que muitas vezes passa despercebido pelo leitor, cabe o historiador ou especialistas, identificar e colocar para o público as diversas construções.” (SIMONAI, A. M. 2016, p, 16), e “são uma das formas de mídias mais populares e penetrantes da nossa incrível era visual.” (POSTEMA, 2018, p, 17). Dessa forma metodologia desse trabalho tem a proposta de analisar as HQs através da perspectiva de História e Imagem. Para Peter Burke, as imagens, assim como textos e testemunhos orais, são uma forma importante

 JORNADAS INTERNACIONAIS DE
**HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS**
22 a 24 de agosto de 2018
Escola de Comunicações e Artes da USP

de evidência histórica. Elas registram atos de testemunho ocular.” (BURKE,2017, p, 25). De acordo Paulo Knauus, “As imagens pertencem ao universo dos vestígios mais antigos da vida humana que chegaram até nossos dias. O mundo da Pré-História é conhecido pelas inscrições rupestres; o mundo da Antiguidade, pelas suas imagens inscritas em paredes ou em diferentes suportes como os vasos.” (KNAUSS, 2006, p, 98).

Partindo desses pressupostos, metodologia aplicada na construção deste trabalho consistiu na leitura e análise das fontes e da bibliografia, com a finalidade de refletir sobre a representação da cidadania romana nas Histórias em Quadrinhos de Asterix: Uma aventura de Asterix, O Gaulês; Uma aventura de Asterix – O domínios dos deuses; Uma aventura Asterix – O combate dos chefes e Uma Aventura de Asterix - Nos Jogos Olímpicos.

ROMANIZAÇÃO: CIVILIZAÇÃO CONTRA BARBÁRIE NAS HQS DE ASTERIX

As Histórias em Quadrinhos de Asterix foram desenvolvidas por René Goscinny e Albert Uderzo. O primeiro fascículo foi publicação em 1961, com o título de Asterix, o gaulês. Atualmente as histórias são traduzidas em diversos idiomas e representadas nos mais diversificados meios de entretenimento, as obras são ambientadas nas Guerras Gálicas, representando uma sátira do conflito e do processo de expansão romana, além de fornecem elementos que remetem da sociedade romana e dos povos conquistados.

Nas aulas de História Antiga, as HQs de Asterix podem ser utilizadas para ilustrar aspectos e elementos sócias do passado nos quais os quadrinhos estão sendo baseados, analisando o vestuário, a mobília e estilo arquitetônico, arquitetura das cidades; uniformes dos soldados; organização militar; importância do exército para Roma. Desta maneira podemos utilizar as Histórias em Quadrinhos de Asterix, como uma ferramenta de ensino de História Antiga, pois as obras produzidas por René Goscinny e Albert Uderzo remetem a Roma Antiga ilustrando aspectos da sociedade

 JORNADAS INTERNACIONAIS DE
**HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS**
22 a 24 de agosto de 2018
Escola de Comunicações e Artes da USP

romana. Vilela destaca as vantagens das utilizações das História em Quadrinhos durante as aulas de História:

Para a disciplina de história, as HQs fornecem material para o trabalho com o conceito de tempo e suas variações e informações textuais e visuais da vida social de comunidades do passado (HQs históricas). Para estudos da época em que foram produzidas as revistas (gibis que registrem o momento social em que foram realizados), são fontes de referências históricas bibliográficas. (VILELA, 2006. [?] apud PAIVA, 2017.p, 72).

Outra maneira de utilizar as HQs de Asterix na sala de aula, é usando como fonte de partida para discussões de conceitos históricos. As obras possibilitam debates e questionamentos sobre os conceitos de Estado, Império, aculturação, expansionismo e cidadania. Conforme Vilela explica, algumas HQs “têm como fonte de inspiração culturas e civilizações que existiram na antiguidade, podendo se constituir num excelente ponto de partida para debater e questionar conceitos de ‘bárbaros e civilizados’”. (VILELA, 2005, p, 110).

Nas aventuras de Asterix, podemos perceber o confronto entre os conceitos de civilização e barbárie. Os romanos são apresentados como sociedade civilizada, que de acordo com Kalina Vanderlei no Dicionário de conceitos históricos, ser civilizado era ser bom, urbano, culto e educado, “a civilização era uma característica cultural que se contrapunha à ideia de barbárie, de violência, de selvageria. Além disso, ser civilizado era um ideal que todos os povos deveriam almejar, mas que poucos tinham alcançado.” (SILVA, K.; SILVA, M. 2015, p,59). Já os gauleses, são representados a partir de uma percepção romana de civilização, dito como sociedade bárbara ou culturalmente inferior. Para Botelho os romanos chamavam de bárbaros a todos os povos não romanizados, tendo herdado esse olhar etnocêntrico dos gregos, que por sua vez consideravam bárbaros todos os povos não helenizados. (BOTELHO, 2012, p, 61).

Temos que ressaltar que a princípio os romanos designava o termo *bárbaro*, para representar povos estrangeiros e posteriormente a expressão tornou sinônimo de

5^{as} JORNADAS INTERNACIONAIS DE
**HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS**
22 a 24 de agosto de 2018

Escola de Comunicações e Artes da USP

selvageria e crueldade ou falta de civilização. Eric Gruen vai analisar o conceito do outro como um bárbaro, afirmando “que as imagens negativas e estereótipos ajudaram os antigos a inventar o ‘outro’, e assim justificar a marginalização, subordinação e exclusão dos outros povos (GRUEN apud ALMEIDA, 2015, p, 65).” Dessa maneira condicionando um grau de superioridade entre as sociedades. Na História em Quadrinhos *O domínio dos deuses*, podemos perceber a imposição da civilização romana perante o povo gaulês. Na figura 1 Júlio César promove uma reunião com membros do senado, com objetivo de apresentar um novo plano para conquista à tribo de Asterix. [Figura 1].

Figura 1 - César apresentando a nova estratégia para conquistar à tribo gaulesa.



Fonte: GOSCINNY, R; UDERZO. **O domínio dos deuses**. Rio de Janeiro: Record, 2014, p. [5].

Já na segunda figura, Compassus, o arquiteto contratado, por Júlio César para colocar o seu plano em prática, discute com um Centurião Ursulinus maneiras de realizar suas atividades sem intervenções dos gauleses. [Figura 2].



5^{as} JORNADAS INTERNACIONAIS DE
**HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS**
22 a 24 de agosto de 2018
Escola de Comunicações e Artes da USP

Figura 2 – Compassus e Ursulinus discutindo as estratégias para conquistar à tribo de Asterix.

Fonte: GOSCINNY, R; UDERZO. **O domínio dos deuses**. Rio de Janeiro: Record, 2014, p. [5].

Na primeira imagem, percebemos que César, invés promover uma expansão territorial baseado no confronto bélico, ele recorreu a um processo de romanização, caracterizado como um procedimento civilizatório, pois Roma atribuía as suas colônias o seu idioma, sua arte e seus costumes, substituindo progressivamente os costumes dos povos conquistados pelas ideias romanos de civilização.

Nessa perspectiva a ação imperialista realizada por César na HQ “se dá nos produtos que são frutos dos ‘trabalhos e práticas de atividades artísticas e intelectuais’, com efeitos que afetam o modo de vida de uma determinada cultura.” (ANAZ, 2012, p,04). Visando assim subjugar a tribo de Asterix com os ideais romanos. Na segunda Figura, Compassus ressalta que Gália é uma província romana e nenhum empecilho poderá impedir o avanço da civilização, para Jones, essa política tinha como objetivo a construção de uma sociedade urbana.

A política consciente de Roma era o uso da língua latina para moldar ideias enquanto criava uma vida pública baseada no modelo urbano Romano, assim fundindo as culturas Romanas e nativas. Esta política era bem deliberada e seu sucesso necessário para assegurar segurança dentro da enorme extensão geográfica [...] (JONES, 1987, p. 128 apud BONDIOLI, julho 2011, p. 8).

Em ambas as passagens descritas, a sociedade gaulesa é representada com inferioridade. Nesse sentido Almeida discute a diferença entre as barbárie e civilização. Para autor, “o bárbaro diferia do romano porque ele não tinha os valores relacionados à *humanitas*, a civilidade que se opõe à *ferocitas*, que era a crueldade primitiva”. (ALMEIDA, 2015, p, 65). Já Dauge, vem propor que o bárbaro não constituía uma espécie diferente, mas sim um estado inferior de civilização, seja coletivo ou individual, mas não estado definitivo, sim um estado variável, sujeita a assimilar dos valores romanos.

CIDADANIA ROMANA NAS HQS DE ASTERIX

Atribuição da cidadania romana tornou um instrumento de integração dos povos conquistados aos valores civilizatórios. No álbum *Asterix nos jogos olímpicos*, na passagem que Asterix, Obelix e Panoramix explicam para Abracurcix o motivo que possibilita a participação da tribo gaulesa nos jogos [Figura 3], podemos observar a cidadania como instrumento de privilégios sociais, como afirma Oliveira:

A concessão da cidadania torna-se um instrumento de integração dos aliados, criando uma Roma descontínua numa Itália multifacetada, diversa e desigual, dir-se-ia mesmo de acordo com uma hierarquia balizada pelo grau de resistência ou adesão ao poderio romano, com estatutos e privilégios entre comunidades vencidas, as quais, para os defenderem, mais depressa se aliavam a Roma do que a outros povos submetidos. (OLIVEIRA, [?], p, 244).



Figura 3 – Panoramix explicando os motivos que permitem participação da tribo nos jogos.

Fonte: GOSCINNY, R; UDERZO. *Asterix nos Jogos Olímpicos*. Rio de Janeiro: Record, 2016, p.[14].

A primeira etapa desse processo de romanização envolvia a conquista do território, posteriormente a pacificação e ocupação militar, a segunda fase começava

5^{as} JORNADAS INTERNACIONAIS DE
**HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS**
22 a 24 de agosto de 2018
Escola de Comunicações e Artes da USP

com retirada das tropas, fim da ocupação militar e manutenção das elites favoráveis à hegemonia romana, nessa perspectiva, as províncias transformavam-se em territórios pró-romanos, como é ilustrando na HQ *O combate dos chefes*, quando o chefe Tomix permanece no poder mesmo após, a conquista da sua tribo. Mendes vai analisar esse processo como um domínio por consentimento pelas províncias, “expressado pela rede de trocas e alianças entre a elite centrica e local, a apropriação dos símbolos romanos pela elite local como fator fundamental de reprodução de poder sócio-político não pode ser refutada, pois é um aspecto marcante do processo de manutenção da hegemonia romana.” (MENDES, 1999, p,313). Temos que compreender que após a conquista da Gália, o território foi romanizado e as elites foram mantidas no poder, logo as aristocracias locais, com a romanização, receberam o suporte de Roma para reforçar a sua dominação social e Roma, por sua vez, permitiu que essas aristocracias se beneficiassem dos privilégios concedidos com a cidadania romana. A História em Quadrinhos, *O combate dos chefes*, ilustra como Roma utilizava dessa dominação social como uma forma de manter o controle na província. A priori os povos que aceitavam a hegemonia romana, eram considerados aliados, na pratica está aliança significava o fornecimento de tropas militares para o exército romano. Já os povos rebeldes, eram subjugados, mortos ou escravizados.

(Povos Aliados) ficavam geralmente obrigados ao pagamento de tributum, a servir ou fornecer tropas auxiliares, a prescindir de política externa, açambarcada pela potência romana. Não deixavam, porém, de partilhar do saque e do território conquistado, o que tornaria a empresa guerreira uma vantagem e um elo de união entre Roma e os aliados. (OLIVEIRA, [?], p, 242).

A aliança militar de Roma com suas províncias é representada no diálogo entre os Flagelus e o chefe Tomix. Percebemos que Flagelus, ajudante de ordens do Centurião Obtus, designa Tomix, aliado de Roma, a desafiar Abracurcix em um combate individual e com interesse de subjugar a tribo rebelde. [Figura 4].

5^{as} JORNADAS INTERNACIONAIS DE
**HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS**
22 a 24 de agosto de 2018
Escola de Comunicações e Artes da USP



Figura 4- Flagelus ordena que Tomix desafie o chefe da tribo rival.

Fonte: GOSCINNY, R; UDERZO. **O Combate dos chefes**. Rio de Janeiro: Record, 2015, p. [8]

Esta imposição de Flagelus, tem com fundamento que a tribo liderada pelo chefe Tomix, pertence ao exército auxiliar romano, um contingente fornecido pelas províncias as quais faziam aliança com Roma. Eram formados em média por 500 soldados e funcionavam como uma tropa de apoio para às legiões, “facilitando seu desdobramento tático ou cumprindo funções específicas, tais quais os fustigamento e arremesso de projéteis, agindo também como infantaria ligeira, lanceiros, arqueiros e fundibulários” (REZENDE. 1993, p, 71 apud SOUZA, 2004, p, 03) diferente das legiões, as tropas auxiliares eram equipadas de acordo com seus próprios costumes e tradições.

É importante salientar que Roma era uma sociedade militarizada, assim fazendo com que a guerra fosse parte integrante do seu cotidiano. “O exército [...] era por si só um agente de mudança, determinando, em grande parte desenvolvimento da política, do governo, economia e sociedade” (ERDKAMP, 2007, p, 01), o serviço militar era o principal dever de um cidadão romano, do mesmo modo que tornou ocupação para uma parcela da população e uma maneira que ingressão na cidadania. Funari explica que uma vez obtida a cidadania romana trazia consigo benefícios legais e fiscais:

Portador direito e a obrigação de seguir as práticas legais do direito romano em contratos, testamentos, casamentos, direitos de propriedade e guarda de indivíduos sob sua tutela (como as mulheres

5^{as} JORNADAS INTERNACIONAIS DE
**HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS**
22 a 24 de agosto de 2018
Escola de Comunicações e Artes da USP

da família e parentes homens com menos de 25 anos). (FUNARI, 2013).

A atribuição da cidadania romana era definida por uma série de deveres e direitos concedidos ao indivíduo, ela poderia ser de formas diversas e componentes separáveis: Cidadania romana plena (*civitas optimo iure*) para os Latinos e Cidadania “sem sufrágio” para os não Latinos (*civitas sine suffragio*). A princípio a distinção é que na plena os direitos políticos estão inclusos, enquanto na sem sufrágio, não. Assim quando Calígula Minus (Legionário romano), no Álbum Asterix, O gaulês, é disfarçado com vestimentas que assemelham as das comunidades celtas, em uma maneira de entrar sorrateiramente na comunidade gaulesa, para tentar descobrir o segredo da força sobre-humana da tribo de Asterix. O Legionário expressa sua insatisfação afirmando para os seus companheiros que, “*não se esqueçam sou um romano legítimo!*” [Figura 5]

Figura 5 - Discurso de legitimação da cidadania romana.

Fonte: GOSCINNY, R; UDERZO. **Asterix, o gaulês**. Rio de Janeiro: Record, 2016, p.[11].



5^{as} JORNADAS INTERNACIONAIS DE
**HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS**
22 a 24 de agosto de 2018
Escola de Comunicações e Artes da USP

Observamos que Calígula Minus possui a cidadania romana plena, devido sua condição de nascimento.

A condição de cidadão se adquire pelo nascimento. O filho de pais cidadãos é também cidadão. Se apenas um dos pais for cidadão, o filho segue a condição do pai no momento da concepção se os pais forem casados (justas núpcias). Se os pais não tiverem o *conubium* (capacidade matrimonial) entre eles e, portanto, não forem unidos por um matrimônio legítimo, o filho segue a condição da mãe no momento do parto (FOIGNET, 1947)

Enquanto o chefe Tomix, na História *O combate dos chefes*, obteve a cidadania posterior ao seu nascimento [Figura 6].



Figura 6- Discurso de afirmação da *civitas sine suffragi*.

Fonte: GOSCINNY, R; UDERZO. **O Combate dos chefes**. Rio de Janeiro: Record, 2015, p. [7]

Essa concessão da cidadania romana podia ser realizada como forma de reconhecimento a um estrangeiro por serviços prestados, sendo legitimada por meio de medidas legislativas seguindo critérios pessoais e territoriais. O indivíduo recebia *civitas sine suffragi*, que é definida por Michel Humbert como uma cidadania que excluía o direito da participação na política, mas garantia os direitos de *conubium* e *commercium*. “O *conubium* é convencionalmente visto como o direito de esposar cidadãos romanos e o *commercium*, como o direito de realizar transações econômicas com cidadãos romanos que fossem legalmente válidas em Roma. (SCOPACASA, 2015, p,127). “A cidadania sem sufrágio é considerada um estágio intermediário, no processo de assimilação da cultura romana, a ideia era que Roma concedia a cidadania sem o



JORNADAS INTERNACIONAIS DE
**HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS**
22 a 24 de agosto de 2018
Escola de Comunicações e Artes da USP

direito ao voto, para que as comunidades conquistadas fossem inseridas gradativamente nas instituições romanas.” Desta maneira percebemos que as revistas de Asterix são fontes inseridas na contemporaneidade riquíssima para estudar e analisar a História Antiga. “Cada tira da revista traz ricas informações sobre diversos eventos históricos que muitas vezes passa despercebido pelo leitor, cabe o historiador ou especialistas, identificar e colocar para o público as diversas construções.” (SIMONAI, 2016, p, 16).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vemos, portanto que as Histórias em Quadrinhos de Asterix são ricas ferramentas a ser utilizadas no Ensino de História Antiga possuem um potencial pedagógico enorme, em que podem contribuir para dinamização da aula, pois “indiscutivelmente, as revistas de HQ, por fazerem parte importante do universo de crianças e jovens, podem ser igualmente utilizadas como ferramenta pedagógica criativa e eficiente.” (FUNARI, 2004. P, 152. Apud SOUZA NETO, 2016, p, 135). Além disso, ressaltamos que as HQs contribuem para uma interdisciplinaridade, tornando - se mais um auxílio de ingresso na prática literária; assim um “leitor, que desenvolver o gosto por esse hábito terá muito mais chances de se tornar alguém que leia outros gêneros textuais, como jornais, livros e revista.” (VERGUEIRO 2006, [?] apud PAIVA, 2017, p, 51). E como explicar Santos, as Histórias em Quadrinhos no processo de aprendizagem possibilitam, “entre outras coisas, o incentivo à leitura, o aprendizado de línguas estrangeiras, a instigação ao debate e à reflexão sobre determinado tema, ou mesmo a realização de atividades lúdicas, como a dramatização a partir de uma história em quadrinhos.” (SANTOS, 2001apud SANTOS; VERGUEIRO, 2012, p, 82). Logo, podemos perceber que as HQs são mais uma ferramenta pedagógica para sala de aula e podem tornar cada vez mais difundidas na medida em que seu uso e aceitação estejam presentes no cotidiano das intuições educacionais.

 JORNADAS INTERNACIONAIS DE
**HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS**
22 a 24 de agosto de 2018
Escola de Comunicações e Artes da USP

FONTES

GOSCINNY, R; UZO, A. **Asterix, o gaulês**. Texto de R. Goscinny; desenhos de A. Uderzo; tradução de Tânia Calmon – 14ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2016.

_____. **Asterix nos Jogos Olímpicos: edição especial**. Texto de R. Goscinny; desenhos de A. Uderzo; tradução de Gilson D. Koartz. 1ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2016.

_____. **O Combate dos chefes**. Texto de R. Goscinny; desenhos de A. Uderzo; tradução de Jorge Fature Pontual – 8ª ed. - Rio de Janeiro: Record, 2015.

_____. **O domínio dos deuses**. Texto de R. Goscinny; desenhos de A. Uderzo; tradução de Paulo Madeira Rodrigues. 9ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2014.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, P. A. F. OS GREGOS, OS ROMANOS E OS CELTAS: Contatos Entre Culturas e a Representação do Gaulês no De Bello Gallico de Júlio César. **REVISTA CANTAREIRA - EDIÇÃO 22 / JAN-JUL, 2015**, p. [55 – 68].

ANAZ, S. A. L. Imperialismo Cultural: a Falibilidade do Paradigma Clássico da Comunicação. In :**Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – Ouro Preto - MG – 28 a 30/06/2012**, p. [1 – 15].

BITTENCOURT, Circe. História nas atuais propostas curriculares. In: _____ **O ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2008, p, [99 – 111]

BONDIOLI, N. P. Os Limites da Romanização: Uma Reflexão acerca da Inteiração Cultural entre os Mundos Clássico e Celta. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**. São Paulo, julho 2011, p. [1 – 11].

BOTELHO, M. Os povos bárbaros. **Pergaminho**, (3):61-70, nov. 2012.

BURKE, P. **Testemunha ocular: O de imagens como evidência histórica**. São Paulo: Ed. Unesp, 2017.

ERDKAMP, Paul. (Org.) **A Companion to the Roman army**. Editora Backwell. 2007.

FOIGNET, R. **Manuel Elementaire de Droit Romain**, 1947. Traduzido, adaptado e atualizado por Eliane Maria Agati Madeira e Hécio Maciel. França Madeira.

 JORNADAS INTERNACIONAIS DE
**HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS**
22 a 24 de agosto de 2018
Escola de Comunicações e Artes da USP

FUNARI, P. P. Cidadania entre os romanos. In: **História da cidadania**. PINSKY, J; PINSKY, B, C. (Org.). São Paulo: Ed. Contexto, 2013, p. [?].

FUNARI, P. P. A renovação da história Antiga. In: KARNAL, L.(Org.). **História na sala de aula: Conceitos, práticas e propostas**. São Paulo: Contexto, 2010, p. [95 – 107].

GUARINELLO, N. L A história Antiga. In: _____ História Antiga. São Paulo : Contexto, 2013. P.[17 – 28].

KNAUSS, P. O desafio de fazer História com imagens: arte e cultura visual. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 8, n. 12, p. 97-115, jan.-jun. 2006, p. [97 – 115].

MENDES, N. M. Romanização: cultura imperial. **Phoenix**, Rio de Janeiro, 5: 307-324, 1999, p. [307 – 324].

OLIVEIRA, F. Consequência da expansão romana. In: **Roma Antiga Volume I : Origem à Morte de César**. BRANDÃO, J. L; OLIVEIRA, F. [Org.] [?]:Imprensa da Universidade de Coimbra, [?], p. [233 – 311].

PAIVA, F. Educação e História em Quadrinhos. In: _____ **Educação e violências nas Histórias em Quadrinhos de Batman**. Salvador: Quadro a Quadro, 2017, p. [51 – 54].

POSTEMA, B. **Estrutura narrativa nos quadrinhos: Construindo sentido a partir de fragmentos**. São Paulo: Peirópolis, 2018.

SANTOS, R. E; VERGUEIRO, W. Histórias em quadrinhos no processo de aprendizado: da teoria à prática. **EccoS – Rev. Cient.**, São Paulo, n. 27, jan./abr. 2012, p. [81 – 95].

SCOPACASA, R. Repensando a romanização: a expansão romana na Itália a partir das fontes historiográficas. **rev. Hist.**, São Paulo, n. 172, jan.-jun., 2015, p. [113 – 131].

SILVA, G. V; GONÇALVES, A.T. M. Algumas reflexões sobre os conteúdos de história antiga nos livros didáticos brasileiros. **História e Ensino**, Londrina, v. 7. Out 2001, p. [123 – 141].

SILVA, K. V; SILVA, M. H. Civilização. In _____ **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2015, p. [59-62].

SIMONAI, A. M. **Uso do passado: Gália, Hispânica e suas relações; Júlio César e Asterix, o gaulês**. 2016. 89 f. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Ibérica da Universidade Federal de Alfenas. Alfenas – MG, 2016.

SOUZA NETO, J. M. **ENSINO DA HISTÓRIA ANTIGA E ARTE SEQUENCIAL: ESBOÇOS INTRODUTÓRIOS**. In: BUENO, A.; ESTACHESKI, D.; CREMA, E. [orgs.] Para um novo amanhã: visões sobre aprendizagem histórica. Rio de Janeiro/União da Vitória: Edição LAPHIS/Sobre Ontens, 2016

 JORNADAS INTERNACIONAIS DE
**HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS**
22 a 24 de agosto de 2018
Escola de Comunicações e Artes da USP

SOUZA, R. MILES ET PAGANUS: apontamentos acerca dos efeitos do Exército Romano sobre as populações locais. **Revista Virtual da Humanidade**. n. 11, v. 5, jul./set.2004, p. [1 – 20].

VILELA, T. Os quadrinhos no ensino de História. In: VERGUEIRO, W; RAMA, A. (Org.) **As Histórias em quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Contexto. 2005, p. [105 – 130].